

FAÍSCAS NARRATIVAS: O GÊNERO CONTO COMO PROPULSOR DA ESCRITA AUTORAL E AUTONOMIA DISCURSIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Claudia Rolim Alexandre (UERN)

maria20251002927@alu.uern.br

Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro (UFRN e NCCEN)

conceicao Monteiro@uern.br

RESUMO

O presente artigo delinea uma investigação que se propõe a analisar, de forma empírica e situada, como o trabalho sistemático com o gênero conto pode ser propulsor para o desenvolvimento da competência escritora e da autonomia discursiva em estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. Diante das persistentes lacunas na proficiência escritora e na constituição da voz autoral dos estudantes, a pesquisa atende à crescente demanda por práticas pedagógicas que valorizem a autoria como dimensão essencial do letramento (Brasil, 2018). O estudo está alinhado a autores como Freire (1989), que defende a primazia da “leitura do mundo” sobre a “leitura da palavra”, e fundamenta-se teoricamente em Dolz (2004), Cosson (2019), Bakhtin (2011), Candido (2004) e Gotlib (2006). Adotando a metodologia de pesquisa-ação de caráter interventivo (Thiollent, 1986), de natureza qualitativa e abordagem interpretativa, a investigação será conduzida na Escola Municipal José Ramos Torres de Melo (Fortaleza-CE). Participarão 25 estudantes voluntários do 9º ano, entre 14 e 15 anos. A intervenção consistirá em sete oficinas denominadas “A Forja da Escrita Autoral”, realizadas no contexto dos encontros semanais do Laboratório de Redação. Os objetivos incluem mapear conhecimentos, analisar produções textuais para verificar singularidade/autonomia e avaliar avanços. A coleta de dados empregará questionários, diários de bordo, produções textuais e entrevista coletiva, com análise por triangulação. A pesquisa visa aprimorar a escrita, estimular a criatividade e fortalecer a autonomia discursiva, consolidando a escrita autoral. Espera-se que esta abordagem forneça subsídios pedagógicos replicáveis e um modelo de intervenção que contribua significativamente para o enriquecimento do ensino de Língua Portuguesa e o letramento literário, fomentando a formação de sujeitos mais críticos e autônomos na escrita.

Palavras-chave:

Autonomia discursiva. Escrita autoral. Gênero conto.

ABSTRACT

This article outlines an investigation that proposes to analyze, in an empirical and situated manner, how systematic work with the short story genre can be a driving force for the development of writing competence and discursive autonomy in students in the 9th grade of Ensino Fundamental (Brazilian K-12 equivalent). Given the persistent gaps in students' writing proficiency and the constitution of their authorial voice, the research addresses the growing demand for pedagogical practices that value authorship as an essential dimension of literacy (Brasil, 2018). The study is aligned with authors such as Freire (1989), who advocates for the primacy of the “reading of the world” over the “reading of the word”, and is theoretically grounded in Dolz (2004), Cosson (2019),

Bakhtin (2011), Candido (2004), and Gotlib (2006). Adopting the interventional action research methodology (Thiollent, 1986), of a qualitative nature and interpretive approach, the investigation will be conducted at the Municipal School José Ramos Torres de Melo (Fortaleza-CE). Twenty-five voluntary 9th-grade students, aged 14 to 15, will participate. The intervention will consist of seven workshops called “The Forge of Authorial Writing”, held in the context of the weekly meetings of the Writing Laboratory. The objectives include mapping existing knowledge, analyzing textual productions to verify singularity/autonomy, and evaluating progress. Data collection will employ questionnaires, logbooks, textual productions, and a collective interview, with analysis by triangulation. The research aims to improve writing, stimulate creativity, and strengthen discursive autonomy, consolidating authorial writing. This approach is expected to provide replicable pedagogical subsidies and an intervention model that significantly contributes to enriching Portuguese Language teaching and literary literacy, fostering the development of more critical and autonomous subjects in writing.

Keywords:

Authorial writing. Discursive autonomy. Short story genre.

1. Introdução

O sistema educacional brasileiro, fundamentado em marcos regulatórios como a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, tem buscado promover o desenvolvimento pleno do indivíduo e a formação para a cidadania. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017/2018, reforça a importância da formação de leitores e escritores competentes, capazes de se posicionar criticamente e de desenvolver sua autonomia discursiva (Brasil, 2018). Contudo, apesar desses avanços normativos e da implementação de instrumentos avaliativos ainda algumas lacunas significativas persistem entre as políticas educacionais e os resultados efetivos de aprendizagem, especialmente no que tange à proficiência em leitura e escrita.

Este cenário foi drasticamente intensificado pela crise sanitária de Covid-19, que expôs fragilidades estruturais e acentuou a dificuldade dos estudantes em se constituírem como sujeitos-autores de seus próprios discursos. A limitação não se restringe ao domínio técnico da linguagem, mas evidencia a ausência de práticas pedagógicas intencionais que estimulem a autonomia criadora, a expressividade e o posicionamento crítico por meio da escrita (Brasil, 2018).

Nesse contexto, a escrita autoral desponta como uma dimensão essencial do letramento, permitindo ao estudante inscrever sua experiência no texto de forma significativa e singular. A escola, portanto, precisa transcender a mera função de codificação e decodificação, inserindo o estudante nas múltiplas práticas sociais da escrita e valorizando sua voz interior (Freire, 1989). É nesse âmbito que se insere o presente estudo, propondo investigar

como o trabalho sistemático com o gênero conto pode favorecer o desenvolvimento da escrita autoral em estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal José Ramos Torres de Melo, em Fortaleza-CE, além de se propor a (a) mapear o conhecimento prévio dos estudantes sobre o gênero conto e suas concepções de escrita autoral; (b) analisar as produções textuais dos estudantes, verificando o aperfeiçoamento da singularidade e da autonomia discursiva; e (c) avaliar o desenvolvimento da escrita autoral dos participantes após a intervenção pedagógica.

A relevância desta investigação reside na sua capacidade de oferecer subsídios teóricos e metodológicos a docentes que enfrentam o desafio de formar sujeitos escritores em contextos escolares diversos. Ao evidenciar os efeitos de uma prática que reconhece e estimula a autoria, o estudo contribui para o fortalecimento de abordagens que compreendem a literatura como direito e como experiência de formação humana integral (Candido, 2011).

2. *Fundamentação*

A construção da escrita autoral e da autonomia discursiva é um processo complexo que se alicerça em múltiplas dimensões teóricas, abrangendo desde a concepção de leitura até as especificidades do gênero literário e do letramento.

A base para a escrita autoral reside intrinsecamente na experiência leitora. Paulo Freire (1989, p. 9) postula que a "leitura do mundo precede a leitura da palavra", defendendo que a compreensão do contexto social e cultural constitui o alicerce fundamental para a decifração e interpretação de textos. Essa perspectiva redefine a leitura como um ato político e cultural, além da mera decodificação, responsável pela construção de sentidos e de interação crítica com o mundo. Essa compreensão freireana, que reconhece o indivíduo a partir de seu contexto sociocultural, será basilar nos módulos iniciais do projeto, no qual o trabalho se desenvolverá a partir do mapeamento dos conhecimentos prévios dos estudantes e de suas concepções sobre o gênero conto e a escrita autoral, ativando, para isso, o repertório de mundo que possuem. Os questionários e diários de bordo serão instrumentos essenciais para registrar a manifestação e a transformação dessa 'leitura do mundo' ao longo de toda a intervenção.

Contudo, a construção de sentidos críticos, que é a materialização dessa concepção libertadora, enfrenta obstáculos estruturais no contexto escolar, esbarrando em obstáculos estruturais no ambiente escolar. Nesse sentido, Althusser (1980, p. 64-6) nos alerta sobre a escola como um aparelho ideológico de Estado que, muitas vezes, reproduz relações sociais, mate-

rializando metodologias que privilegiam a decodificação técnica em detrimento da experiência estética e crítica. Essa tensão entre a função reprodutora da escola e o potencial emancipatório da literatura autêntica é problematizada por Lajolo (1985) e Zilberman (2003), que criticam a transformação da leitura em um mero instrumento de avaliação e controle. Em contraponto, Barthes (2004, p. 18) reposiciona a leitura como um ato criativo e produtivo, essencial entre linguagem, cognição e práxis social.

Nesse sentido, a proposta das oficinas de escrita autoral visa precisamente superar a lógica reprodutora e instrumentalizadora, buscando concretizar a leitura e a escrita como atos criativos e produtivos, tal qual postulado por Barthes. A observação participante da pesquisadora e os relatos nos diários de bordo dos estudantes serão ferramentas para identificar as tensões e as rupturas com as práticas tradicionais, documentando a transição de uma escrita técnica para uma escrita com maior engajamento estético e crítico.

Em um contexto de crescente complexidade social e informacional, a escola deve transcender a instrumentalização da leitura e escrita, fomentando letramentos que capacitem os estudantes a intervir e ressignificar o mundo e o conceito de letramento literário emerge como resposta ao hiato entre o reconhecimento da literatura como direito humano fundamental (Candido, 2011) e as práticas escolares. Cosson (2014, p. 23) define-o como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Kleiman (2005) conceitua o letramento como uma abordagem que transcende o âmbito escolar, abrangendo os usos da língua escrita em todos os contextos sociais. A autora destaca que o letramento surge para elucidar a influência da escrita em todas as esferas de atividade, tanto dentro quanto fora do ambiente educacional, conectando-se diretamente aos modos como a escrita é empregada na sociedade e ao seu impacto na vida contemporânea.

Fundamentado nos estudos de recepção estética de Jauss (1994) e Iser (1996), o letramento literário enfatiza o papel constitutivo do leitor na construção de sentidos, em um processo dinâmico que mobiliza repertórios culturais e experiências individuais. Para Petit (2009, p. 32), a leitura é um caminho privilegiado para a construção do ser. A operacionalização desse letramento literário, que valoriza a construção ativa de sentidos e a mobilização de repertórios culturais, será o foco principal das atividades propostas nas oficinas e se dará em “sequências didáticas expandidas” (Cosson, 2019). Esse formato busca criar um ambiente propício para a experimentação de diferentes formas de expressão e o desenvolvimento da autoria, tal como preconizado por Rojo (2013) para a promoção de multiletramentos. Já a análise das produções textuais e dos diários de bordo buscará evidenciar como os estudantes se apropriam da literatura e mobilizam suas experiências individuais para construir significados e, assim, desenvolver sua subjetividade.

O Sarau Literário, momento final de apresentação, será a validação dessa literatura como direito humano fundamental e como espaço de construção de identidades.

A necessidade de um letramento literário que supere uma perspectiva meramente técnica e formal da linguagem, e que se materializa em práticas de produção textual criativa, direciona a atenção para a seleção de gêneros literários capazes de operacionalizar tais objetivos pedagógicos de forma eficaz e acessível. Nesse cenário, a escolha do gênero conto se revela particularmente estratégica.

Dentre os múltiplos gêneros literários, o conto se destaca por seu potencial pedagógico para o desenvolvimento da escrita autoral. Candido (2004, p. 15) o caracteriza pela “condensação, economia de meios e unidade de efeito”. Gotlib (2006, p. 30) complementa, apontando concisão, unidade de ação, tempo e espaço, número reduzido de personagens e foco em um único conflito com as suas características essenciais. Essa univocidade estrutural facilita a aprendizagem da escrita narrativa, permitindo que os estudantes concentrem seus esforços criativos em um núcleo dramático bem definido.

A brevidade e a unidade do conto otimizam a recepção e a produção textual. Cortázar (2006, p. 151) observa o potencial do gênero para “quebrar seus próprios limites”, oferecendo um espaço de experimentação que conjuga contenção formal e liberdade criativa. A versatilidade técnica do conto permite experimentações com a focalização narrativa (Friedman, 2008), estimulando a consciência sobre as escolhas e seus efeitos. A vasta tradição do conto na literatura brasileira (Bosi, 2015) e sua dimensão cultural (Cas-cudo, 2006) enriquecem a prática pedagógica, conectando as narrativas orais à produção literária escrita. A arte de narrar, como transmissão de experiência humana (Benjamin, 1994), fundamenta uma abordagem que valoriza tanto o repertório cultural dos estudantes quanto sua capacidade de transformar vivências em material narrativo.

Essas características intrínsecas do conto serão exploradas nas oficinas, servindo como 'moldes' para a compreensão estrutural. A progressão para a produção do primeiro rascunho e as experimentações com a focalização narrativa permitirão aos estudantes aplicar esses conhecimentos de forma prática. Na análise das produções textuais, será avaliada a capacidade dos alunos de mobilizar essas qualidades do gênero conto, bem como de incorporar seu repertório cultural e vivências, transformando-as em material narrativo.

É nesse cenário de potencial criativo e estrutural do conto que se insere a discussão sobre a escrita autoral, concebida como a materialização da

voz singular do sujeito. Como e até que ponto as qualidades intrínsecas do gênero, aliadas a uma prática pedagógica intencional, oferecem um ambiente propício para que os estudantes desenvolvam sua identidade enquanto produtores de sentido?

A autoria na produção de contos transcende o domínio técnico, constituindo-se em um processo de construção identitária mediado pela linguagem. Bakhtin (2011, p. 272) postula que “o enunciado é pleno de tonalidades dialógicas”, e a escrita autoral manifesta-se na capacidade do sujeito de estabelecer relações responsivas ativas com os discursos alheios. Nesse contexto, o letramento literário se materializa na capacidade do estudante de mobilizar recursos narrativos para expressar sua compreensão singular do mundo (Cosson, 2014).

Para os adolescentes, a escrita de contos pode oferecer um ambiente seguro para a experimentação identitária, permitindo explorar diferentes vozes narrativas sem os riscos da exposição direta. Petit (2019, p. 32) destaca que “a leitura literária oferece um espaço de liberdade a partir do qual é possível elaborar uma posição de sujeito”, sendo um suporte para despertar a interioridade e a simbolização. A escrita autoral, assim, configura-se como a materialização textual da singularidade do sujeito, um exercício complexo de autonomia discursiva. Essa perspectiva de Petit orienta a criação de um ambiente seguro e colaborativo nas oficinas, especialmente durante a revisão entre pares, durante a qual os estudantes poderão explorar suas vozes sem a pressão da exposição direta. A análise dos diários de bordo e das produções textuais buscará indícios dessa experimentação identitária, da elaboração de posições de sujeito e do despertar da interioridade, compreendendo a escrita autoral como um processo de (re)simbolização da experiência.

Baseada em um delineamento metodológico de pesquisa-ação, conforme descrito por Thiollent (1986), este trabalho será de natureza qualitativa e abordagem interpretativa, procurando a compreensão do fenômeno subjetivo e complexos da constituição e desenvolvimento da autoria e da singularidade na escrita, ao mesmo tempo em que promove uma intervenção deliberada no contexto educacional. A inserção da pesquisadora como docente no lócus de estudo permite uma participação ativa e reflexiva, promovendo a articulação entre teoria e prática.

A pesquisa aqui proposta, denominada “Faíscas Narrativas”, será desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental da Escola Municipal José Ramos Torres de Melo, instituição pertencente à rede pública municipal de Fortaleza, Ceará, e contará com a participação de vinte e cinco estudantes voluntários do 9º ano.

3. Caminhos da forja – a busca das faíscas da escrita autoral

A intervenção pedagógica denominada “Faíscas Narrativas – A forja da escrita autoral” compreenderá sete oficinas de escrita criativa realizadas durante os encontros semanais do Laboratório de Redação, que acontecem no contexto da sala de inovação da escola, sendo dividida em três módulos, com sete oficinas principais, com tempo estimado de 90 a 120 minutos para cada oficina, distribuídas em encontros semanais de aproximadamente 50 minutos. Planeja-se um encontro inicial de mapeamento e um encontro final de avaliação. As oficinas serão estruturadas como sequências didáticas, visando abordar de forma progressiva os aspectos cruciais para o desenvolvimento da escrita autoral, desde a leitura e estrutura do conto até técnicas narrativas, rascunhos, revisão colaborativa e a apresentação pública das produções. A geração de dados será realizada de forma multifacetada, buscando capturar a complexidade do processo de desenvolvimento da autoria em seus diversos aspectos. Serão utilizados questionários mistos, diários de bordo para a pesquisadora e para os estudantes e produções textuais, guiando assim o processo de forma progressiva.

De início, teremos um encontro para um mapeamento do conhecimento prévio dos estudantes sobre o gênero conto e suas concepções de escrita, e no qual será introduzido o projeto e o “Diário da Forja”, concebido como uma ferramenta para o registro pessoal de ideias e reflexões ao longo da intervenção. Em seguida, o Módulo 1, “O Fogo da Leitura e a Bigorna da Forma”, composto pelas Oficinas 1 e 2, terá como foco a leitura enquanto ato de produção de sentidos, conforme Freire (1989), e a compreensão da estrutura essencial do conto, utilizando contos clássicos como “moldes” para introduzir elementos como personagens, enredo, espaço, tempo e conflito.

A progressão para a prática ocorrerá no Módulo 2, “O martelo da expressão e a primeira moldagem”, que englobará as Oficinas 3, 4 e 5. A Oficina 3 se concentrará na construção de conflitos e no aprofundamento dos personagens, estimulando escolhas estilísticas e a manifestação da voz singular por meio da escrita de fragmentos narrativos. A Oficina 4 guiará a produção do primeiro rascunho de um conto autoral, integrando os conceitos e técnicas trabalhados. A Oficina 5, por sua vez, será dedicada à revisão colaborativa e à autoavaliação entre pares, focando na estrutura e clareza narrativa das produções.

O ciclo culminará no Módulo 3, “O acabamento fino e o brilho da peça”, com as Oficinas 6 e 7. A Oficina 6 abordará a revisão final e autônoma dos textos, com atenção à precisão linguística, gramática, ortografia e pontuação.

ação, enquanto a Oficina 7 será o momento da apresentação pública dos contos em um “Sarau Literário” na biblioteca da escola, promovendo a validação e celebração da autoria. Um Encontro Final será realizado para a autoavaliação reflexiva dos estudantes e a celebração das conquistas.

4. Resultados esperados e discussão preliminar

Embora esta investigação esteja em fase de delineamento, o arcabouço teórico-metodológico proposto permite antecipar resultados promissores e suas implicações para o campo do ensino de língua e literatura.

Espera-se que o trabalho sistemático com o gênero conto, mediado pelas oficinas propostas, atue como um incentivador da escrita autoral e da autonomia discursiva dos estudantes do 9º ano. O ambiente de experimentação seguro e estruturado, como o Laboratório de Redação, aliado às especificidades do gênero conto (concisão, unidade de efeito), ajudará a fomentar o desenvolvimento da voz singular, consciente e crítica nas produções escritas dos estudantes.

Visa-se não apenas ensinar a escrever contos, mas a usar o conto como “martelo e bigorna da voz singular”. O letramento literário será fortalecido à medida que os estudantes experimentarem a literatura não apenas como conteúdo a ser decodificado, mas como prática social de construção de sentidos e de autoexpressão. O ambiente dialógico do Laboratório de Redação, conforme a perspectiva bakhtiniana (Bakhtin, 2011), deve fomentar a interação e o *feedback* entre pares, permitindo que os estudantes aprimorem sua capacidade de imprimir uma “voz singular” ao texto. O processo de revisão colaborativa e o “acabamento fino” devem consolidar essa singularidade, transformando o “metal bruto” das ideias em “peças polidas” e únicas.

Os diários de bordo (“Diário da Forja”) são esperados como um rico repositório das reflexões dos estudantes sobre seu processo criativo, revelando o amadurecimento da percepção sobre a própria escrita autoral e as escolhas estilísticas. A análise desses diários, cruzada com as produções textuais, deverá evidenciar a progressão na capacidade de articular ideias coerentes, desenvolver personagens, construir conflitos e, fundamentalmente, infundir a subjetividade na narrativa.

A apresentação pública dos contos no Sarau Literário é projetada para ser um momento de celebração e validação da autoria, fortalecendo a confiança dos estudantes em sua capacidade de produção textual. Por fim, uma entrevista coletiva com os estudantes, buscando uma avaliação das práticas pedagógicas realizadas, do processo de produção e uma autoavaliação por parte dos estudantes enriquecerá a experiência dos estudantes de serem reco-

nhecidos como “produtores legítimos de sentido” (BNCC, 2018) será um fator motivacional crucial para o contínuo desenvolvimento de suas competências.

É fundamental reconhecer que, como em qualquer investigação empírica, a presente proposta pode enfrentar alguns desafios e limitações. A participação voluntária dos 25 estudantes, embora crucial para a autonomia do processo, pode gerar variações no nível de engajamento e adesão às atividades propostas, o que poderá influenciar a profundidade da análise individual de cada caso. Ademais, sendo um estudo de caso realizado em uma única escola, os resultados obtidos podem ter sua generalização limitada a contextos pedagógicos com características similares, o que será devidamente considerado e explicitado na interpretação final dos achados. A duração das oficinas semanais (aproximadamente 50 minutos) e o número limitado de encontros (sete) representam, por sua vez, um desafio no aprofundamento de todas as nuances da escrita autoral e da autonomia discursiva em um curto período, embora a flexibilidade da pesquisa-ação permita ajustes. Por fim, o duplo papel da pesquisadora como docente e investigadora, embora vantajoso para a imersão e a sensibilidade interpretativa, característica inerente à pesquisa-ação, exigirá um rigor contínuo na manutenção da imparcialidade na coleta e análise dos dados. A natureza qualitativa e interpretativa do estudo, embora busque aprofundamento, implica em uma análise que, em certa medida, é suscetível à subjetividade na interpretação, aspecto este que será minimizado pela exaustiva triangulação de dados.

Apesar dos desafios, busca-se demonstrar que seja possível, por meio de uma intervenção pedagógica direcionada e bem planejada, ajudar a minimizar o quadro de baixa proficiência e estimular a autoria, contribuindo para o campo do ensino de Língua Portuguesa e para a formulação de estratégias didáticas mais eficazes. A criação de um caderno pedagógico será uma materialização desse impacto, oferecendo um guia replicável para outros docentes e ampliando o alcance do projeto. Em suma, esperamos que as “faíscas narrativas” se convertam em um “legado de fogo” que transforme a experiência de escrita para os estudantes e inspire a inovação pedagógica.

5. Considerações finais

A proposta de pesquisa “Faíscas narrativas” emerge como uma resposta à inquietação acerca dos desafios persistentes no desenvolvimento da escrita autoral e da autonomia discursiva de estudantes do Ensino Fundamental no Brasil. A integração de uma base teórica robusta, que dialoga com pensadores como Paulo Freire e Mikhail Bakhtin, com uma intervenção pedagógica detalhada e contextualizada – as oficinas da “Forja da Escrita Au-

toral” no Laboratório de Redação – confere ao projeto um potencial de relevância acadêmica e prática. Os objetivos delineados, trabalhados de forma gradativa, desde o mapeamento do conhecimento prévio até a avaliação dos avanços na escrita autoral, buscam um percurso investigativo cuidadoso e intencional.

Além das contribuições pedagógicas diretas, espera-se que este estudo avance a compreensão teórica sobre a intersecção entre letramento literário e o desenvolvimento da autoria no contexto do Ensino Fundamental, oferecendo um modelo detalhado de intervenção que integra a riqueza do gênero conto com uma abordagem dialógica da escrita.

Os resultados esperados, embora ainda prospectivos, apontam para o aprimoramento da competência escritora, o estímulo à criatividade e o fortalecimento da voz singular dos estudantes, elementos cruciais para a formação de sujeitos críticos e atuantes em sua realidade social. A ênfase na literatura como direito e na escrita como ato de subjetivação e empoderamento ressoa com as demandas de uma educação que valoriza a integralidade do indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Trad. de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1980.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARTHES, R. *O rumor da língua*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 07 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília-DF: MEC, 2018. Disponível em: basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 08 maio 2025.

CANDIDO, A. *O discurso e a cidade*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-93

CASCUDO, L. da C. *Contos tradicionais do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

COSSON, R. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernad. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FRIEDMAN, Norman. O que faz o conto ser curto? In: FERREIRA, C.C. (Org.). *Teoria do conto: antologia de ensaios*. São Paulo: Hedra, 2008. p. 177-90

GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2006.

ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 1.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

KLEIMAN, Angela B. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? Coleção Linguagem e letramento em foco: linguagem nas séries iniciais*. Ministério da Educação. Cefiel/IEL. UNICAMP, 2005.

LAJOLO, Marisa. Texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (Org.). *A leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 51-62

PETIT, M. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, M. *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. Trad. de Julia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.

ROJO, R. *Gêneros do discurso e multiletramentos*. São Paulo: Parábola, 2013.

THIOLLENT, M. J. M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

ZILBERMAN, R. A leitura na escola. In: ZILBERMAN, R. (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 9 - 22.